

Título do Simpósio Temático: Os sistemas de espaços livres e a constituição da esfera pública contemporânea no Brasil: resultados da rede de pesquisa QUAPÁ-SEL

Coordenador: Silvio Soares Macedo

Título do Trabalho:

Aplicação de técnicas de pesquisa dos Estudos Comportamento-ambiente na investigação sobre o uso de parques da cidade de São Paulo

Rogério Akamine, Prof. Dr. UNINOVE e USJT, pesquisador do LAB-QUAPÁ da FAUUSP

Resumo:

Os parques urbanos são importantes unidades de espaço livre, onde atividades de lazer ao ar livre, socialização e contato com cenários naturais podem ser proporcionados satisfatoriamente quando a configuração espacial é adequada às condições de uso. Na elaboração de projeto de espaço livre de edificação, não bastam apenas criatividade e experiências pessoais, mas é preciso também tomar ciência dos aspectos revelados por usuários.

A avaliação de projeto de parque urbano implantado é fundamental para que soluções equivocadas sejam evitadas e necessidades de uso sejam lembradas sempre que arquitetos e urbanistas fazem suas propostas.

Desde 2007, foram aplicadas para 4 parques da cidade de São Paulo técnicas de pesquisas dos *Estudos de Comportamento-Ambiente*, ou seja, observação sistemática, distribuição de questionários e realização de entrevistas com usuários. Os parques analisados até o momento foram: Parque Ibirapuera, Parque Lina e Paulo Raia, Parque Cidade de Toronto e Parque do Carmo.

A pesquisa visa esclarecer a relação entre o desenho do espaço livre e seu uso, contribuir com afirmações dentro da discussão sobre sistemas de espaços livres de cidades brasileiras, estimular outras pesquisas e fundamentar o ensino de arquitetura e urbanismo.

Abstract:

Urban parks are important units of open space, where activities of outdoor recreation, socialization and contact with natural settings can be provided satisfactorily when the spatial configuration is suited for the conditions of use. In the elaboration of project for open space, not only creativity and personal experiences are enough, but also it is necessary to become aware of the issues revealed by users.

The evaluation of urban park project after its opening is fundamental for wrong solutions to be avoided and usage needs to be remembered when architects and planners make their proposals.

Since 2007, research techniques from Environmental-behavior studies were applied in four parks of São Paulo, in other words, systematic observation, distributions of questionnaires and conduction of interviews with users. The analyzed parks until the moment are: Parque Ibirapuera, Parque Lina e Paulo Raia, Parque Cidade de Toronto e Parque do Carmo.

The research aims to clarify the relationship between the design of space and its use, contribute to statements in the discussion about open space systems in Brazilian cities, stimulate further research and support the teaching of architecture and urbanism.

Palavras-chave / key words:

Uso de parques, São Paulo, Estudos Comportamento-ambiente / Use of parks, São Paulo, Human Behavior Studies

Introdução

Tendo em vista as diversas escalas de projeto ao se trabalhar com os espaços livres de edificação, os arquitetos, em especial àqueles que se dedicam à arquitetura paisagística, devem ter em comum a flexibilidade de abordagem em sua formação. Essa capacidade profissional refere-se ao pensar desde o projeto de implantação da edificação dentro do lote urbano, que define a forma do espaço livre, passando por projetos públicos como os de arruamentos, praças, parques até a elaboração de diretrizes para investimentos em espaços públicos de maior extensão nas cidades.

A proposta deste artigo é trazer algumas reflexões acerca da prática da pesquisa na área de paisagem e ambiente e as potencialidades quanto à aplicação das técnicas de pesquisa dos Estudos Comportamento-ambiente. Essas técnicas fazem parte de uma metodologia que busca aferir os modos de utilização dos espaços livres produzidos após serem abertos ao público e avaliá-los de forma mais objetiva com o intuito de informar futuros projetos e fundamentar o ensino de arquitetura e urbanismo.

As informações trazidas aqui foram selecionadas para ilustrar a ampla gama de possibilidades investigação e de inter-relações entre pesquisas.

Referências teóricas

Ao buscar estudos pertinentes ao tema **uso do espaço livre**, é possível verificar aproximações interessantes ou abordagens metodológicas que chegam a resultados coerentes e que apontam para parâmetros de avaliação de projetos. Não utilizam exatamente o mesmo termo *espaço livre de edificação*, mas sim *espaço*, de forma geral, ou *espaço público*.

Whyte (1980), por meio de imagens fotográfica em curtos períodos de tempo, analisou espaços públicos em Nova York e conseguiu garantias em lei para que nos espaços livres público-privados o público tivessem um mínimo de qualificação espacial, como mobiliário, acessos e vegetação.

Bechtel e Michelson (1987) reuniram abordagens metodológicas que inclui a obtenção de pistas no espaço como desgaste de pisos que indicam alta utilização de certos equipamentos.

Os trabalhos reunidos nas publicações de Carr et. al. (1992) e Marcus e Francis (1998) possuem ênfase em apontar quais são as condições para se ter um espaço público de sucesso, onde um dos parâmetros para essa avaliação é a presença de usuários.

Uma proposta de análise que confronta aspectos culturais de organização de espaços com parâmetros matemáticos que relacionam a conectividade em relação à rua foi desenvolvida por Hillier e Hanson (1984), onde o argumento é que quanto maior a “integração” do espaço em relação ao sistema, maiores as chances de prever fluxo de pedestres e veículos e de entendimento da lógica de localização de usos urbanos e dos encontros.

Entre os psicólogos ambientais, Sommer e Sommer (1997) contribuíram para a divulgação das técnicas de pesquisa na obtenção de informações acerca da relação comportamento e ambiente.

Lang (1987) traz essa mesma preocupação em sua proposta de se elaborar uma teoria para a arquitetura, onde as afirmações sobre o assunto teriam de ser positivas, ou seja, livre de valores parciais e deveriam ser obtidas por meio de pesquisa científica.

O Laboratório Quapá e a proposta de pesquisa sobre o uso de Parques em São Paulo

Há mais de duas décadas o Laboratório QUAPÁ na FAUUSP desenvolve pesquisa sobre espaços livres reunindo em seu banco de dados exemplares de projetos levantados em todo o território nacional. Foi reunido número significativo de desenhos e imagens fotográficas de praças e parques para análise de morfologia, o que permitiu traçar das linhas formais de projeto e ao longo da história no Brasil.

O desenho urbano sempre foi assunto de interesse dos pesquisadores do QUAPÁ e entre estudantes de graduação e pós-graduação sob orientação dos professores coordenadores. O universo de informações e análises reunidas se tornou vasto e significativo, o que possibilita a definição de novos temas para pesquisa. Por exemplo, a legislação urbana, que resulta na forma urbana e dos espaços livres, esteve sempre entre os assuntos estudados no laboratório.

No estágio atual de pesquisas, os sistemas de espaços livres estão em pleno curso de investigação definida em projeto temático. A proposta é ambiciosa quando se pretende tratar essa temática nas cidades brasileiras. Evidentemente, trata-se de amostragem entre as cidades de todo o país e conta-se com parceiros em várias capitais de estados brasileiros.

Vinculada ao projeto principal do laboratório QUAPÁ, a investigação sobre o uso de parques em São Paulo se inicia em 2007 como projeto de pesquisa de pós-doutorado. A origem dessa vertente de estudo, sobre o uso, está no interesse em projetos urbanos produzidos pela parceira público-privada durante o desenvolvimento da tese de doutorado de Akamine (2004) realizado na Osaka University, Japão. No final dos anos 1990, alguns projetos urbanísticos já estavam concretizados e em pleno uso pela população. Além de levantamentos documentais para limitação da amostragem com a seleção dos objetos de estudo, foram adotadas algumas técnicas

de pesquisa do campo dos estudos comportamento ambiente, tais como observações sistemáticas, questionários e entrevistas com usuários. Como exemplos de temas contemporâneos a este curso de pós-graduação podem ser citados as formas de vida de populações em mudanças de seus ambientes originais espontâneos para conjuntos habitacionais, a cognição de caminhos ou orientação das pessoas na cidade (*wayfinding*), as soluções de organização do espaço para pessoas com senilidade, etc. Estes métodos de pesquisa encontrados no Japão estavam em sintonia com teóricos dos Estados Unidos e Europa, haja vista a participação frequente dos pesquisadores japoneses em eventos científicos internacionais¹.

A aplicação das técnicas de pesquisa dos Estudos comportamento-ambiente sobre objetos em São Paulo foi dificultada pela existência de raros exemplares similares aos casos japoneses. Optou-se então pela escolha dos seguintes parques públicos como estudo de casos:

1. Parque Ibirapuera;
2. Parque Lina e Paulo Raia;
3. Parque Cidade de Toronto;
4. Parque do Carmo;
5. Parque Piqueri;
6. Parque Burle Marx;
7. Parque da Juventude;
8. Parque Severo Gomes;
9. Parque Guarapiranga;
10. Parque Villa Lobos.

Os quatro primeiros parques estavam em estágios diferentes de análise, quando a pesquisa de pós-doutorado foi adaptada para pesquisa docente na Universidade Nove de Julho, mantendo-se a cooperação entre essa instituição e o laboratório QUAPÁ.

A pesquisa sobre uso de parques pode contribuir estudos com o conhecimento na área de arquitetura e urbanismo por meio da difusão de sua metodologia e resultados encontrados.

¹ IAPS - International Association for People-environment Studies; EDRA - Environmental Design Research Association; International Association for People-environment Studies; AHRA – Architectural Humanities Research Association.

Considerações sobre a aplicação dos métodos dos Estudos comportamento-ambiente

No Brasil, as análises pós-ocupação – APO – ocorrem na maioria das vezes em relação a edifícios (Ornstein, 1995), sobre os sistemas construtivos e também sobre a satisfação dos usuários² quanto a aspectos de conforto ambiental dos ambientes internos. Outros estudos que abordem espaços livres no Brasil são inexistentes ou não divulgados.

Parques e áreas urbanas passíveis de projeto e a análise de uso é fundamental fundamentar projetos. O espaço público tem como cliente de projetos o governo local, mas o usuário final é a população como um todo. Em uma relação privada e direta entre projetista e clientes, a tarefa de avaliar as possibilidades e dificuldades de uso do espaço projetado é mais simples que no caso da população de um bairro ou cidade inteira. As pesquisas de uso de espaços livres públicos podem cumprir em parte essa necessidade de informar projetos sobre acertos, erros de decisões e mesmo reivindicações por parte desses clientes de contato menos direto.

Saber opinião dos habitantes sobre as condições concretas de uso do espaço e a características de apropriação na realidade deve ser função dos pesquisadores nas universidades. A produção do conhecimento nesse campo auxiliará governos locais na formulação de suas políticas públicas, ou seja, projeto, implantação, gestão e manutenção de espaços públicos. O cumprimento desse papel na universidade se justifica não apenas por esse caráter pragmático, mas também pela geração de descobertas científicas em favor do conhecimento de forma mais ampla.

O que fazer com os resultados das pesquisas?

Não basta apenas identificar e seguir tendências, como por exemplo, o que ocorreu na definição do mapa de zoneamento de 1972 no Município de São Paulo, onde as formas de uso comerciais foram aceitas e perpetuadas como zonas de uso comercial.

O conhecimento obtido por investigações sistemáticas deve representar ponto de partida para novas propostas e inovações criativas por parte dos arquitetos e urbanistas. Outra função da pesquisa no caso citado, seria a averiguação do que

² É possível fazer uma comparação com as pesquisas de mercado que são desenvolvidas para se verificar, por exemplo, a aceitação de produtos nas vendas de varejo. A diferença maior entre empresa privadas e governos locais estaria na obtenção do lucro com a venda aos consumidores.

ocorreu nos anos posteriores a 1972, para medir o quanto do que foi proposto como intervenção urbanística realmente ocorreu. Em outras palavras, pode-se verificar se com o passar do tempo, e as zonas comerciais se consolidaram com as atividades previstas, ou se sofreram mudanças de tendências, ou se a intensidade de ocupação foi a esperada, se a fiscalização para barrar o desrespeito às restrições estabelecidas foram eficientes e em que pontos falharam. Portanto, a aplicação periódica das técnicas de pesquisa é importante para detectar essas variações também ao longo do tempo. É possível fazer uma analogia com a ciência aplicada na área médica, ao se testar uma medicação nova, busca-se identificar quais foram as alterações conseguidas comparando-se o antes e o depois, por meio de um número significativo de pacientes submetidos à aplicação do medicamento.

Guardadas as especificidades das ciências humanas, que variam com o tempo e culturas, a busca da compreensão da realidade se faz premente por meio da pesquisa constante, aplicada em ciclos periódicos.

O ser humano como objeto de pesquisa possui uma complexidade extrema, sendo essencial a investigação de suas opiniões e formas de pensar para compreender as relações com o ambiente em que vive e obter causas e justificativas para maior ou menor sucesso em um projeto de arquitetura e urbanismo. Entretanto, a observação do seu comportamento reafirma o que foi dito no discurso do usuário. O objetivo é identificar as posições quanto ao espaço que é de consenso da maioria, as exceções e indicações para novas questões a serem indagadas futuramente.

Escala do projeto de parque

A pesquisa sobre o uso de parques possibilita reflexões sobre o desenho, os aspectos dimensionais ou o conjunto de condicionantes físico-espaciais que um determinado local oferece. Ao entrevistar usuários, pode-se perguntar quais são os locais preferidos e em seguida as razões para tal opinião. As recorrências de informações em entrevistas são indícios fortes de características do espaço que favorecem o uso. Gibson (1979) denomina essa característica do espaço como *Affordance*³.

³“*affordances*”, be it material or nonmaterial, are those of its properties that enable it to be used in a particular way by a particular species or an individual member of that species.

Na observação sistemática do mesmo parque, é possível sobrepor as marcações de vários mapas comportamentais ao longo do tempo, e visualizar quais espaços apresentam maior número de registros. Isto significa que tais espaços apresentam boas condições para permanência e uso.

Com as informações obtidas por meio das observações sistemáticas e das entrevistas, comparam-se as evidências e chega-se a um diagnóstico onde um tipo de informação que corrobora com a outra, ou seja, opiniões sobre um local e comportamentos no mesmo espaço são coerentes. Como exemplo de razões para preferências por determinados espaços de um parque pode-se citar a proximidade de caminhos principais, ou seja, fácil acesso, a possibilidade de visuais panorâmicos, a existência de animais, contato com a água, etc.

Área urbana de influência dos parques

A preocupação em buscar os aspectos que influem no projeto não pode deixar de contemplar a escala do entorno dos parques e questões de uso dos respondentes.

Para tanto, questões sobre áreas urbanas adjacentes aos parques estudados também são colocadas para obter respostas ou pistas que indiquem como a existência do sistema de espaços livre pode atender as necessidades dos habitantes. Qual é o a importância que cada parque entre os espaços livres disponíveis na área urbana do uso do cotidiano das pessoas.

Problemas com o espaço urbano em que pessoas evitam passar são importantes de se priorizar ações dos governos locais responsáveis por obras, limpeza segurança e manutenção.

As políticas públicas de décadas passadas apresentavam índices de área verde por habitante, que se mostra muito abstrato e não traduz o tipo de distribuição dos espaços livres em áreas urbanas (Guzzo, 1999). Mesmo a hierarquia de tipos de espaços livres⁴ ou o raio de 500 metros de atendimento de uma praça ou parque também, não condiz mais com a realidade dos dias atuais. A mobilidade da população deve ser considerada no momento de proposição de sistemas de espaços livres.

⁴ 1. Classificação da NRPA – National Recreation and Park Association: *Parks & Recreation; Neighborhood Parks; Community Parks; Special Use Sites*; 2. *Open Space*; 3. *Trails*. In <http://www.nrpa.org/> 31Out2010

Na pesquisa dos Sistemas de espaços livres já se discute que esse raio de abrangência já extrapola as poucas quadras de distância (Fig. 1 e 2).

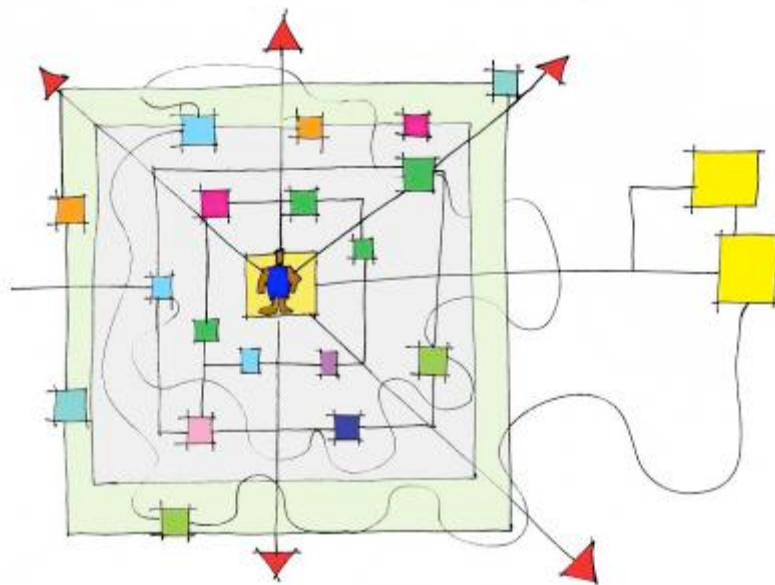


Figura 1 – Os espaços livres disponíveis (quadrados coloridos), de diversas tipologias e disponíveis para cada habitante de áreas urbanas para o uso em seu cotidiano.
(Desenho de Silvio Soares Macedo)

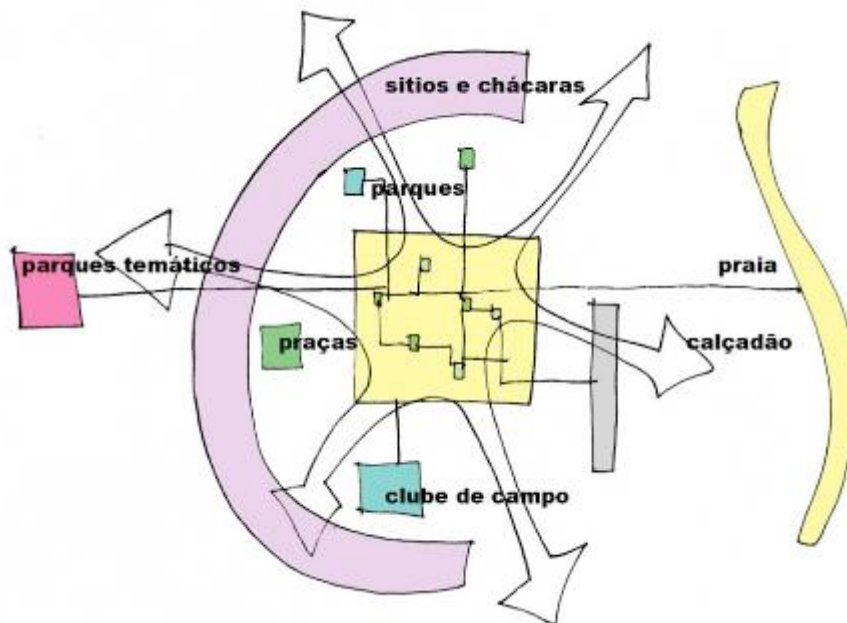


Figura 2 – O sistema de espaços livres pode ser acessível e apresenta extrapolação de distâncias pela alta mobilidade da população.
(Desenho de Silvio Soares Macedo)

Locais alternativos para relaxamento e para a prática de esportes leves foram indicados na área do Parque Ibirapuera (Fig. 3). A proximidade da cidade de São Paulo com o Litoral também indica uma mobilidade alta para os respondentes do entorno do Parque Ibirapuera. Isto significa não somente automóveis, mas também ônibus intermunicipais e fretamentos de veículos que possibilitam a população de menor renda um lazer junto ao mar, clube, área rural, etc.

Alguns resultados da pesquisa de uso de parques corroboram com a idéia de extrapolação do limite de poucas centenas de metros para se chegar a um espaço livre.

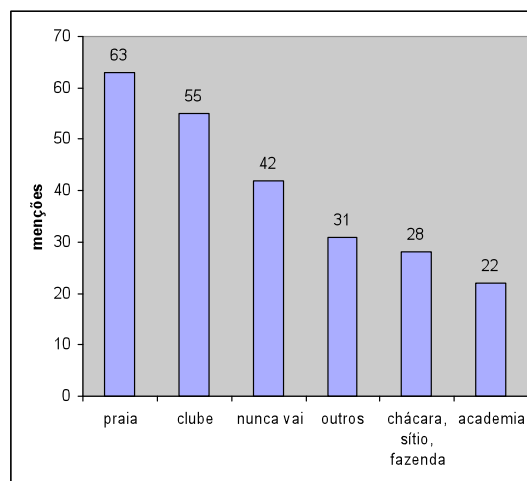


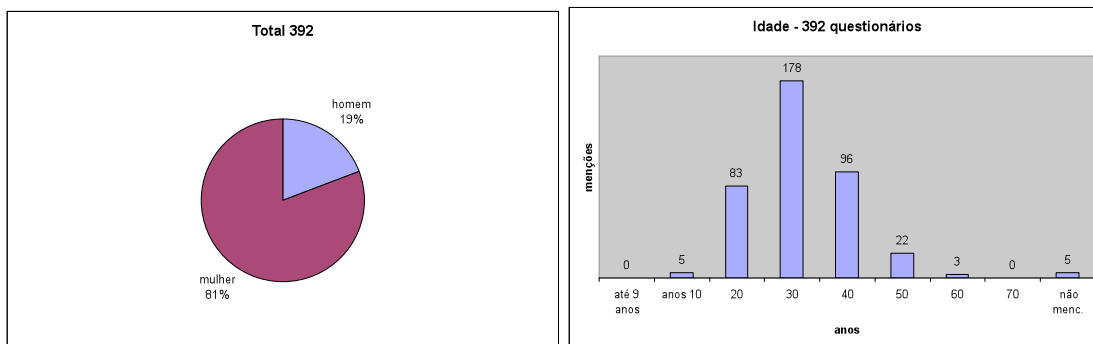
Figura 3 – Parque Ibirapuera: alternativas para relaxamento e para a prática de esportes leves entre os respondentes de questionários.

Análises estatísticas

Um aspecto importante na pesquisa de uso de parques é o número de respondentes que formam o universo de dados sobre o qual serão feitas as afirmações. A abordagem de usuários diretamente nos parques se mostrou tarefa pouco eficiente na obtenção de dados pela própria situação de falta de confiabilidade entre usuário e entrevistador.

Por meio da colaboração de escolas de Ensino Fundamental I no entorno dos parques estudados, foi possível um número maior de respostas. Por se tratar de uma parcela específica da população, o perfil dos respondentes atingiu certa uniformidade

(Fig. 4 e 5), mulheres⁵ entre os 20 e 40 anos. São as mães dos alunos nessa faixa etária, mas que podem trazer maiores detalhes sobre o uso dos espaços livres em questão.



Figuras 4 e 5 – Perfil dos respondentes no entorno do Parque Lina e Paulo Raia

Kowaltowski et al. (2006) escrevem sobre metodologias para o projeto arquitetônico⁶, e no caso das pesquisas para APO, as enormes dificuldades para os pesquisadores conseguirem recursos para a elaboração de questionários, tabulação de dados, manutenção de equipe de apoio, etc.

Por um lado, a aplicação das técnicas de pesquisa dos Estudos comportamento-ambiente não é tarefa fácil, pois exige muita disposição por parte do pesquisador em solicitar e conseguir cooperação para a pesquisa. Por outro lado, uma vez conseguido êxito na iniciativa, as informações de questionários são tabuladas e gráficos para análise são elaborados, e então a força das afirmações se tornam mais intensas. Por exemplo, a maioria dos respondentes da região do Parque Ibirapuera vai a espaços livres principalmente para a atividade de caminhada (Figura 6).

⁵ O fato de a maioria dos respondentes ser composta por mulheres não é uma desvantagem. Pelo contrário, alguns autores mostram características positivas: Frank and Paxson (1989) descrevem: "In most public spaces, women unaccompanied by men are more likely to be engaged in an activity, including eating, talking, shopping, walking reading, and caring for children. Women are apt to be more sensitive to characteristics they perceive as making a space safe. [...] Altogether, they are likely to be more particular about the characteristics of the space and of the people using it." (Lang 1987) escreveu com base em outras pesquisas: "Several studies show that women's images of the environment are different from men's. This seems not to be due to role differences rather than biological differences. Women tend to be less mobile than men, with the result that married women, for instance, tend to have maps that are smaller in scale but richer in detail than their husbands' maps."

⁶ "Sabe-se que, principalmente no Brasil, muitas pesquisas de APO não são conduzidas pelo custo na aplicação de questionários e pela necessidade de dispor de equipes e equipamento para as medições técnicas recomendadas." p.12

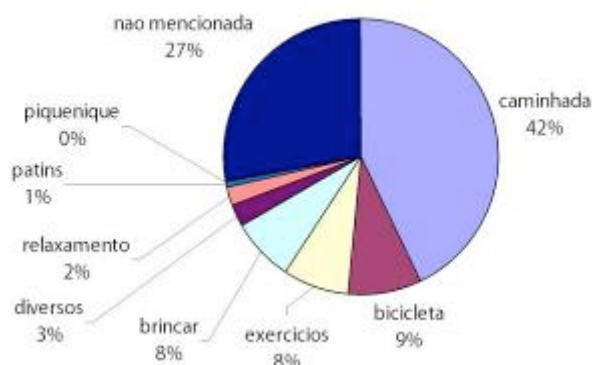


Figura 6 – Atividades mencionadas pelos respondentes da região do Parque Ibirapuera.

A partir daí, tenta-se fazer cruzamento entre variáveis, por exemplo, permanência, frequência e distância a pé da residência do respondente até o parque (Figura 7), para se ter uma visão melhor e estabelecer correlações não percebidas nas análises de estatísticas descritivas, onde os resultados de cada variável são analisados dentro de um tema por vez.

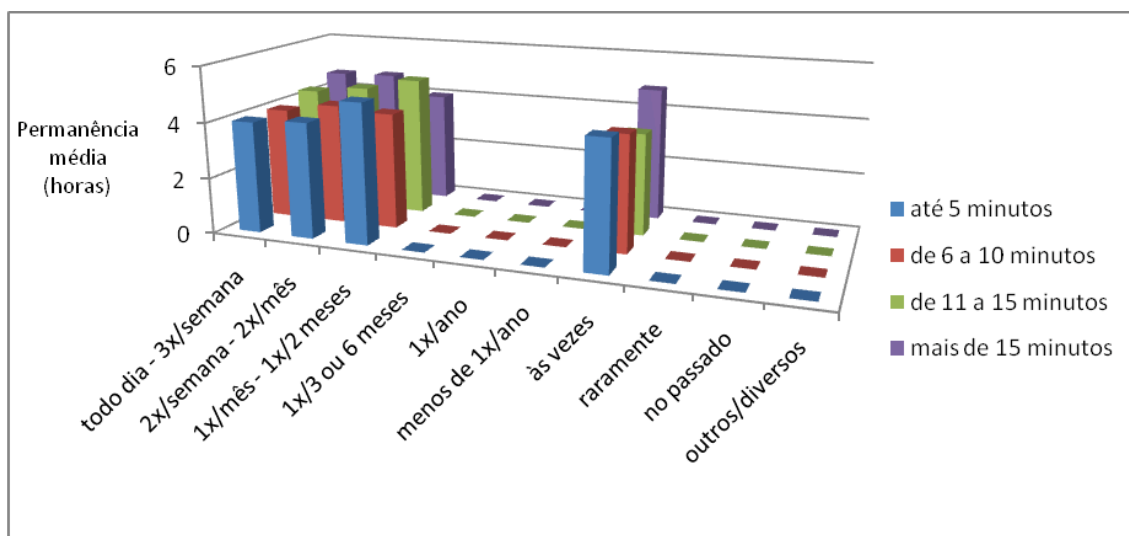


Figura 7 – Análise de tabelas R x S com testes de Mantel-Haenszel. Cassano, Júlia Reiff. Tanaka Nelson. Trabalho de projeto de formatura (em andamento, 2010) do curso de Estatística do Instituto de Matemática e Estatística da USP.

Mais abstratas são as análises inferenciais, onde as variáveis podem ser colocadas lado a lado e as relações são detectadas (Fig. 8)⁷. Cada conjunto de

⁷ A variável predominante é a distância. Na tese de Akamine (2004) há a explicação: People whose homes are distant up to 915 meters to *pops* are users of OAP with 0.62 of probability (chance that such event will occur). Whereas,

Projetos Participativos e pesquisa diagnóstica

Muito se argumenta sobre os projetos participativos, mas vê-se na prática uma participação restrita que causa dúvida sobre a imparcialidade das decisões. Por exemplo, no projeto para o projeto de parque linear em São Paulo, os participantes mais ativos são os que trazem interesses individuais para as reuniões de consulta pública. Os moradores assentados já desejavam que o espaço livre proposto já tivesse restrições contra os novos invasores de terrenos das proximidades. Vêem-se também nas câmaras de consulta para deferir sobre questões de permissão quanto a lei de parcelamento e uso do solo os representantes de entidades civis, muitas vezes para defender causas de empreendedores imobiliários. Qual a real legitimidade desses espaços destinados a participação da população?

O cidadão comum prioriza o cotidiano em busca de sobrevivência em detrimento da participação para decisões quanto às questões urbanas nas discussões dentro dessas câmaras deliberativas. Desta forma, a pesquisa diagnóstica colabora com a tomada de decisões mais favorável à maioria da população, pois considera uma população mais abrangente do que o número reduzido dos que conseguem disponibilidade para participação. As duas práticas, participação popular e pesquisa diagnóstica, devem ocorrer ao mesmo tempo para que se atinjam os objetivos da gestão dos governos quanto à formulação de políticas públicas.

Considerações Finais

Como prega Zeisel (1981), a aplicação da metodologia comportamento-ambiente deve ser a mais ampla possível permitindo o confronto entre resultados das várias técnicas de pesquisa⁸ para uma aproximação com a realidade, como se faz com os resultados das observações sistemáticas e das entrevistas sobre espaços dos parques.

A ciência na área de humanidades é mutante ao longo do tempo e precisa estar sendo periodicamente verificada. É importante a aplicação constante dos mesmos métodos para averiguar mudanças de opiniões, comportamentos da sociedade trazida pelas mudanças naturais da população. A tecnologia, os avanços da

⁸ Neste livro, Zeisel (1981) faz considerações sobre a aplicação de diversas técnicas de pesquisa: "The appropriate mix of methods will be the one that enables you to achieve your ends with greatest control over side effects. A significant theme of this book is that E-B (Environment-behavior) researchers and decision makers who use a multiple-method research approach will best be able to use what they find out to do what they want to do."

medicina, e a acessibilidade aos espaços públicos por parte da população em termos de mobilidade também trazem essas transformações.

Não deve haver monopolização de métodos e objetos de estudo, mas sim pesquisa mútua para validar as afirmações com as quais se ensina nas universidades e se faz proposições de projeto.

Referências Bibliográficas

- AKAMINE, R. (2004) **A study on use of large open spaces in privately owned public spaces; Experiences from Osaka, Japan**. Osaka: Osaka University, (Tese de doutorado).
- BECHTEL, R. B., MARANS, R. W., MICHELSON, W. (Eds.) (1987). **Methods in environmental and behavioral research**. New York: Van Nostrand.
- CARR, S., FRANCIS, M., RIVLIN, L. G., STONE, A. M. (1992). **Public Space**. New York: Cambridge University Press.
- GIBSON, J. J. (1979). **The ecological approach to visual perception**. Boston: Houghton Mufflin.
- GUZZO, Perci. (1999) **Estudo dos espaços livres de uso público da cidade de Ribeirão Preto/SP, com detalhamento da cobertura vegetal e áreas verdes públicas de dois setores urbanos**. Rio Claro: Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista. (Dissertação de Mestrado).
- HILLIER, B. (1996). **Space is the machine: A configurational theory of architecture**. Cambridge: University Press.
- HILLIER, B., HANSON, J. (1984). **The social logic of space**. Cambridge: Cambridge University Press.
- KOWALTOWSKI, D. C. C. K. et. al. (2006). **Reflexão sobre metodologias de projeto arquitetônico**. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/ambienteconstruido/article/viewFile/3683/2049>. Acesso em: 30 de out. 2010
- LANG, J. (1987). **Creating architectural theory; The role of the behavioral sciences in environmental design**. New York: Van Nostrand Reinhold Company.
- MARCUS, C. C., FRANCIS, C. (Eds.) (1998). **People places: guidelines for urban open spaces**. New York: John Wiley & sons.
- MOORE, R. C., COSCO, N.G. (2007) What makes a park inclusive and universally designed? A Multi-method approach. In: THOMPSON, C. W. and TRAVLOU, P. (Org.) **Open Spaces: People Spaces**. London: **Taylor & Francis Group**. P. 85-110.
- ORNSTEIN, S. W. (1995) **Ambiente construído & comportamento: avaliação pós-ocupação e a qualidade ambiental**. São Paulo: Nobel.
- WHYTE, W. H. (1980). **The social life of small urban spaces**. Washington D.C.: The Conservation Foundation.
- ZEISEL, J. (1981). **Inquire by design: tools for environment-behavior research**. Cambridge: Cambridge University Press.

Agradecimentos

Agradecemos à FAPESP pelo apoio de pesquisa que permitiram a realização deste artigo.